

CONSULTA ODONTOLÓGICA NA ADOLESCÊNCIA: UMA ANÁLISE DESCRIPTIVA DA PESQUISA NACIONAL DA SAÚDE DO ESCOLAR (PENSE) 2019

HELLEN MONIQUE DA MOTTA¹; NATHALIA RIBEIRO JORGE DA SILVA-GARCIA²; SARAH ARANGUREM KARAM³

¹*Universidade Federal de Pelotas* – hellenmotta2001@hotmail.com

²*Programa de Pós-Graduação em Odontologia (UFPel)* – nathaliaribs@gmail.com

³*Universidade Federal de Pelotas* – sarahkaram_7@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Censo demográfico do Brasil de 2010 revela que os indivíduos entre 10 e 19 anos representam 17,9% da população (IBGE, 2010). A adolescência é um período de fundamental importância no desenvolvimento humano, no qual, quando se trata de saúde, há a consolidação e perpetuação dos hábitos de higiene (WHO, 2020). Pesquisas relacionadas com a saúde de adolescentes são escassas, pois na maioria das vezes são voltadas para crianças ou jovens adultos (WHO, 2020). Assim, ressalta-se a importância de estudos com essa população, visando não somente o aprimoramento de políticas públicas, mas também, contribuindo para o bem-estar e melhoria na qualidade de vida.

Na faixa etária em questão, problemas relacionados com a saúde bucal podem interferir diretamente no cotidiano, uma vez que levam a problemas de autoestima, desenvolvimento social e desempenho escolar, bem como, dificuldade para comer, incômodo ao escovar os dentes, nervosismo e irritação (SAINTRAIN *et al.*, 2015; PERES *et al.*, 2014). Semelhante a isso, foi observado uma associação entre a ausência nas aulas e a dor dentária, da mesma forma que alunos que relataram a visita ao dentista nos últimos doze meses também estiveram ausentes na escola (DARLEY *et al.*, 2021).

O SB Brasil 2010 apontou que mais da metade dos adolescentes consultaram o dentista ao longo de um ano, tanto aqueles com 12 anos quanto os de 15 a 19 anos, 56,6% e 53,9% respectivamente (SB BRASIL, 2010). Dados preliminares do SB Brasil 2020 apontam que 30,2% dos jovens de 12 anos e 27,1% de 15 a 19 anos necessitam de atendimentos preventivos (SB BRASIL, 2020). Entretanto, fatores externos também influenciam a frequência de visitas ao dentista, como local de domicílio, renda e grau de instrução materna (OLIVEIRA *et al.*, 2015). A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2008 mostra que o SUS representa apenas um terço dos atendimentos odontológicos, e estes mesmos atendimentos reduziam conforme aumentava a renda (PNAD, 2008). Conhecer a utilização de serviços odontológicos por adolescentes permite o planejamento e implementação de ações voltadas à promoção da saúde, para que assim eles possam chegar à vida adulta com melhores condições de saúde bucal. Desta forma, o presente estudo tem como objetivo descrever a prevalência de ida ao dentista entre adolescentes de 13 a 15 anos participantes da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2019.

2. METODOLOGIA

Estudo transversal utilizando dados secundários da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) do ano de 2019, que apresenta uma amostra representativa da população escolar brasileira de 13 a 17 anos. A PeNSE é um estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) juntamente com o Ministério da Saúde e Ministério da Educação, e possui quatro edições, sendo 2009, 2012, 2015 e 2019. É realizado em escolas públicas e privadas, de todo território nacional. Os alunos incluídos na pesquisa devem estar devidamente matriculados e cursando a escola.

Para o presente estudo, a amostra foi restringida somente aos adolescentes de 13 a 15 anos a fim de verificar possíveis comparações com as edições anteriores. A variável dependente desta pesquisa foi ida ao dentista no último ano, sendo mensurada pela pergunta “Nos últimos doze meses, quantas vezes você foi ao dentista?” e as seguintes opções de resposta: “Nenhuma vez nos últimos 12 meses”; “1 vez”; “2 vezes” ou “3 ou mais vezes”. Sendo dicotomizada em “Não e Sim”, logo a categoria “sim” englobou a ida ao dentista no último ano independente do número de vezes.

Como variáveis independentes foram utilizadas: sexo (Masculino e Feminino), cor da pele/raça (Branca, Preta, Parda, Amarela e Indígena), escolaridade materna (Sem escolaridade/Ensino Fundamental Incompleto, Ensino Fundamental Completo, Ensino Médio Completo e Ensino Superior Completo), e dor dentária nos últimos seis meses (Não e Sim).

A análise dos dados foi realizada por meio do programa estatístico Stata 15.0 (Stata Corp, College Station, TX, EUA). As frequências absolutas e relativas da variável dependente, ida ao dentista no último ano, em relação às variáveis independentes, foram verificadas através do teste Qui-quadrado de Pearson. Foi estabelecido um nível de confiança de 5% ($p<0,05$) e os respectivos intervalos de confiança de 95%. O comando svy para efeito de delineamento foi utilizado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As características encontradas dos adolescentes participantes da pesquisa foram que 50,8% eram do sexo feminino, 43,2% autodeclarados pardos, seguido por brancos e pretos, 36,8% e 12,8%, respectivamente e, a maior parte dos participantes frequenta o 9º ano do ensino fundamental (31,2%).

A prevalência de adolescentes que frequentaram o dentista nos últimos 12 meses foi de 66,7%. Quando comparado à pesquisa de 2015, este número reduziu 3 pontos percentuais (p.p) (PeNSE, 2015). Este dado além de poder significar uma menor procura aos serviços odontológicos também possibilita o surgimento de novos agravos de saúde bucal ou evolução de doenças bucais pré-existentes (VAZQUEZ *et al.*, 2015). Destaca-se ainda, que perante a manifestação de dor, 69,4% (IC95% 67,61-71,10) dos adolescentes que confirmaram ter tido dor de dente nos últimos seis meses foram ao dentista no último ano. Esta informação pode reforçar a ideia de que os serviços de saúde somente são utilizados para fins curativos, ou seja, quando ocorre a manifestação da doença, logo tratamentos preventivos e promoção de saúde são excluídos (OLIVEIRA *et al.*, 2015).

Quanto ao perfil dos adolescentes que relataram ir ao dentista nos últimos 12 meses, observou-se que mulheres são mais propensas a utilizarem esse serviço, sendo representadas por 68,4% (IC95% 67,27-69,49), indo ao encontro com dados nacionais, no qual se afirma que mulheres tendem a procurar mais os

serviços de saúde, por serem mais preocupadas com esses assuntos, aumentando as possibilidades de diagnóstico e prevenção (PNAD, 2008).

Além disso, os adolescentes autodeclarados brancos apresentaram maior prevalência de ida ao dentista no último ano (71,8%; IC95% 70,54-72,92), uma diferença de 10 p.p em relação aos adolescentes autodeclarados pretos (61,9%; IC95% 59,76-63,93). Esta discrepância também foi encontrada em um estudo com escolares adolescentes brasileiros que relacionou a desigualdade racial e socioeconômica em relação a dor dentária e constatou que jovens pretos/pardos sofrem mais com a dor dentária em comparação aos brancos (COSTA *et al.*, 2021).

Ademais, nota-se que a ida ao dentista no último ano tende a aumentar conforme o aumento do nível da escolaridade materna, com uma diferença na prevalência de ida ao dentista de 16 p.p entre aqueles com mães de menor escolaridade e as mais escolarizadas. Os adolescentes cujas mães não possuíam escolaridade ou tinham ensino fundamental incompleto apresentaram uma prevalência de ida ao dentista de 61,6% (IC95% 59,89-63,24), enquanto os adolescentes com mães que completaram o ensino superior apresentaram uma prevalência de 77,9% (IC95% 76,56-79,18) para ida ao dentista no último ano. Isso pode refletir, além da questão acerca da falta de conhecimento sobre a importância da saúde bucal, dificuldades no acesso à informação sobre os serviços de saúde e, principalmente, sobre a presença de dentistas em unidades básicas de saúde (FERNANDES; BERTOLDI; BARROS, 2009). Faz-se necessário vincular a questão da renda familiar, uma vez que o maior nível de escolaridade é associado a um maior poder econômico, de forma de que grupos familiares de maior poder aquisitivo tendem a procurar mais serviços de saúde, sendo na maioria das vezes, consultórios privados (PNAD, 2008; PeNSE, 2015). Isto pode refletir na menor frequência de ida ao dentista no grupo dos adolescentes com mães menos escolarizadas, pois geralmente o horário de funcionamento dos serviços públicos de saúde podem coincidir com o horário escolar ou até mesmo, caso o estudante trabalhe em meio período, coincida com seu horário de trabalho ou do seus pais (DARLEY *et al.*, 2021; TRAVASSOS *etal.*, 2002).

Ressalta-se também, que 55,3% (IC95% 54,36-56,35) dos adolescentes que foram ao dentista nos últimos 12 meses, alegam terem ido três vezes ou mais, entretanto, como no questionário aplicado aos alunos não descartava a visita ao dentista por motivos de tratamento ortodôntico, processo muito comum na idade indicada (VAZQUEZ *et al.*, 2015) acredita-se que essa prevalência não deva ser considerada como parâmetro para somente buscas por atendimentos curativos. Assim, os dados não permitem definir quais destes atendimentos realizados são por motivos preventivos e quais são curativos para fins de se analisar a qualidade da saúde bucal desta população. E por fim, também é necessário recordar que como esta pesquisa é aplicada apenas para adolescentes que estão devidamente matriculados e frequentes na escola, os resultados divulgados não podem ser tratados como uma realidade para toda essa população, uma vez que descartaria situações de jovens em uma realidade de maior vulnerabilidade.

4. CONCLUSÕES

Em suma, este estudo descreveu a prevalência de ida ao dentista no último ano em adolescentes de 13 a 15 anos de idade. Esta pesquisa ressalta que investir em estratégias de promoção de saúde bucal para os adolescentes pode

influenciar positivamente a saúde oral e o rendimento desses alunos, tanto no presente quanto no futuro. Sendo assim, melhorar o estado de saúde bucal desses jovens pode ser uma maneira de garantir melhores condições de saúde bucal até a fase adulta.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA, F.S. et al. Racial and regional inequalities of dental pain in adolescents: Brazilian National Survey of School Health (PeNSE), 2009 to 2015. **Cadernos de Saude Publica**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 6, 2021.
- DARLEY, R.M. et al. Association between dental pain, use of dental services and school absenteeism: 2015 National School Health Survey, Brazil*. **Epidemiologia e Servicos de Saude**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 1–9, 2021.
- FERNANDES, L.C.; BERTOLDI, A.; BARROS, A. Utilização dos serviços de saúde pela população coberta pela Estratégia de Saúde da Família. **Revista de Saude Publica**, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 595–603, 2009.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:<https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Um panorama da Saúde no Brasil 2008**. Rio de Janeiro, 2008.
- OLIVEIRA, M.M. de et al. Factors associated with the demand for health services by Brazilian adolescents: The National School Health Survey (PeNSE), 2012. **Cadernos de Saude Publica**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 8, p. 1603–1614, 2015.
- PERES, K.G. et al. Sociodemographic and clinical aspects of quality of life related to oral health in adolescents. **Revista de Saude Publica**, São Paulo, v. 47, n. SUPPL.3, p. 19–28, 2014.
- SAINTRAIN, M.V.L. et al. Brazilian adolescents' oral health trends since 1986: an epidemiological observational study Oral Health. **BMC Research Notes**, v. 8, n. 1, p. 1–7, 2015.
- SAÚDE, Ministério da. **SB Brasil 2010: Pesquisa Nacional de Saúde Bucal: resultados principais**. 1ºed. Brasília- DF: Ministério da Saúde, 2012.
- SAÚDE, Ministério da. **SB Brasil 2020: Pesquisa Nacional de Saúde Bucal: resultados preliminares**. Brasília- DF: Ministério da Saúde, 2022.
- SAÚDE, Ministério da; IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; ECONOMIA, Ministério da. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2019**. 1ºed. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, 2021.
- SAÚDE, Ministério da; IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, Desenvolvimento e Gestão. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015**. 1ºed. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, 2016.
- TRAVASSOS, C. et al. Utilização dos serviços de saúde no Brasil: Gênero, características familiares e condição social. **Revista Panamericana de Salud Publica/Pan American Journal of Public Health**, Washington, D.C., v. 11, n. 5–6, p. 365–373, 2002.
- VAZQUEZ, F.L. et al. Qualitative study on adolescents' reasons to non-adherence to dental treatment. **Ciencia e Saude Coletiva**, Manguinhos, v. 20, n. 7, p. 2147–2156, 2015.
- WHO, World Health Organization. **Spotlight on adolescent health and well-being**. 1ºed. Copenhagen: WHO Regional Office for Europe, 2020. v. 1 0-eng.pdf